



Representação social da violência na periferia de Belém: a reconstrução de um olhar

Social representation of violence in Belém's inner city: the reconstruction of a view

Edimar Marcelo Coelho Costa - Mestre em Segurança Pública, pelo Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública (PPGSP) da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: edimarcelo@ig.com.br.

Luís Fernando Cardoso e Cardoso - Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor da Faculdade de Ciências Sociais (FCS), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: lfcardoso@ufpa.

Resumo

Este artigo trata das representações sociais da violência elaboradas pelos moradores do bairro do Guamá, no município de Belém, estado do Pará. Esse bairro é apontado pelos dados governamentais e pelos meios de comunicação midiáticos como uma área de periferia com altos índices de violência. Para compreender essa realidade, adotou-se o conceito de representações sociais como elemento analítico porque ele ajuda a observar como as pessoas veem um conjunto de práticas e relações sociais próprias dos contextos em que vivem. Os dados obtidos por meio das entrevistas e dos questionários mostram a prevalência, na fala dos entrevistados, da violência ligada ao roubo, atribuindo-se menos importância a outros tipos de violência, inclusive à morte. A pesquisa ainda aponta a existência de um processo de reconfiguração dos padrões de comportamentos no universo público por causa das novas situações de insegurança e do medo que assolam o bairro.

Abstract

This article is about social representations of violence created by residents of the neighborhood Guamá, in the city of Belém, Pará State. This neighborhood is recognized by the media as periphery area, on city's surroundings, with high rates of violence, recorded in government statistical data. It was chosen the concept of social representations as an analytical element because it helps to observe as people see a set of practices and social relations of the contexts in which they live. The data obtained through interviews and questionnaires show the prevalence, in the speech of interviewees, of the social representation of violence linked to theft, attributing less importance to other types of violence, including death. The research also shows that there is a process of reconfiguration of standard of behavior in the public universe because of new situations of insecurity and fear that grieve the neighborhood.

Palavras-chave

Cidade de Belém. Violência. Periferia. Representações Sociais.

Keywords

City of Belém. Violence. Periphery. Social Representations.

INTRODUÇÃO

Os cientistas sociais têm se preocupado em compreender as aceleradas transformações da vida social contemporânea. No tocante à temática da violência, do medo e da sensação de insegurança nos centros urbanos, as reflexões abrangem as mudanças nos padrões de sociabilidade, no controle social formal e informal, assim como nas estratégias cotidianas para burlar o imponderável na vida social nas cidades. Adorno (2002a, 2002b), Bourdieu (2011), Buoro (1999), Wacquant (2007), Wieviorka (2006) e Zaluar (1999) têm, de maneira direta ou indireta, congregado esforços no sentido de compreender a realidade presente. Compartilhando a preocupação de outros autores, este artigo analisa as representações sociais da violência e do sentimento de insegurança dos moradores do bairro do Guamá, cidade de Belém, estado do Pará.

A cidade de Belém, semelhante às demais capitais do país, enfrenta sérios conflitos oriundos de um processo de expansão urbana ocorrida de forma rápida e desordenada. A maior parte da população ocupa as áreas do entorno do centro, formando periferias, baixadas na designação local, sem a infraestrutura necessária ao convívio social digno, já que os serviços urbanos básicos são muito precários. Seguindo esse contexto, o conceito de periferia foi vinculado à organização urbana, não se desprezando seu aspecto simbólico.

As baixadas de Belém são “um reflexo da noção de hierarquização social da população da cidade, na qual os menos favorecidos encontram-se na periferia” (DA MATTA, 1991, p. 36). A perspectiva de Da Matta está distante do *homo economicus*, uma vez que considera as condições materiais, culturais e simbólicas presentes na distinção entre centro e periferia. Tais aspectos carregam em si noções de pobreza, criminalidade, violência e marginalidade. Isso condiciona os sujeitos a organizarem seus mundos e relações sociais com base em tais princípios classificatórios.

Estar na periferia é estar numa condição de subalternidade. As relações sociais dos homens e das mulheres que residem nessas regiões, em sua maioria, ficam restritas a esse espaço social. Mesmo quando se afastam desses lugares, por eles são marcados. A periferia é um espaço, mas se torna também uma condição, uma insígnia carregada pelos sujeitos na cidade.

Na região urbana central da cidade de Belém, houve uma elevada expansão vertical. Inúmeras edificações surgiram em um curto espaço de tempo, e tal

processo foi acompanhado de uma intensa especulação imobiliária. Essa imagem é contrária à da periferia, que se caracteriza pelo crescimento horizontal, em que a expansão é desordenada, com casas construídas nos quintais, ao lado ou em cima de casas de familiares. Isso ajuda a caracterizar, ainda mais, essa população e os seus espaços como próprios dos excluídos socialmente.

É latente em Belém a falta de investimento em políticas públicas específicas para o desenvolvimento urbano. Tais lacunas deixaram de observar o rápido crescimento populacional que não foi acompanhado dos necessários investimentos em infra-estrutura ou por controles sobre o uso e ocupação do solo, o que, combinado com a falta de alternativas acessíveis à habitação urbana voltada para grupos de baixa renda, levou ao surgimento de invasões e ocupações, com habitações precárias e terra (PALHANO; SILVA; PASSOS, 2009, p. 7).

Nesse contexto, entre os inúmeros bairros e distritos existentes em Belém, o Guamá assumiu destaque por ser considerado o bairro mais violento em razão do elevado número de homicídios, sobretudo se comparado com os demais bairros da Região Metropolitana de Belém. De acordo com Chagas (2014), o bairro do Guamá apresenta a maior taxa de homicídio do estado do Pará, enquanto o bairro do Jurunas ocupa o segundo lugar.

Esses dados explicam porque Belém ocupa a décima posição entre as cidades mais violentas do mundo e a terceira posição entre as mais violentas do Brasil. Em 2017, Com 1.743 homicídios para uma população de 2.441.761 habitantes, a Região Metropolitana de Belém (RMB) registrou uma taxa de 71,38 mortes para cada 100 mil habitantes, segundo levantamento feito e divulgado pela organização não governamental (ONG) mexicana Seguridad, Justicia y Paz (Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal (BELÉM, 2018). No entanto, em outras modalidades de delitos, como roubo, latrocínio e furto, o Guamá não assumiu destaque, segundo os dados da Secretaria Adjunta de Inteligência e Análise Criminal (SIAC) (PARÁ, 2013), vinculada à Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social (Segup).

O número de ocorrências envolvendo mortes no Guamá pode ser interpretado com base em duas hipóteses. A primeira, por ser o bairro historicamente formado por pessoas que recorrem à violência física em detrimento dos recursos legais, fato associado à ausência do Estado na resolução de conflitos. A segunda, pelo crescente índice de mortes associado à comercialização de drogas ilícitas, fato que assola todas as regiões de periferia do

Brasil e que favorece o surgimento de grupos armados denominados “milícias”, que trabalham ora em prol da comercialização das drogas, ora contra.

O Guamá possui, aproximadamente, 94.610 habitantes, sendo o bairro mais populoso de Belém, conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Já com relação à mobilidade urbana, no Guamá circulam inúmeras linhas de ônibus e vans, proporcionadas pelo amplo sistema de transporte coletivo (legal e clandestino). O bairro possui, ainda, o segundo maior hospital de pronto-socorro do estado, e, nos arredores, a Cidade Universitária Prof. José da Silveira Netto, da Universidade Federal do Pará (UFPA), um hospital-escola – o Hospital Universitário João de Barros Barreto –, além de um rico movimento de artes folclóricas e de atividades religiosas e culturais.

No entanto, esse bairro carece de espaços públicos de lazer, possuindo apenas uma praça, na área central, onde imperam o abandono e a comercialização de drogas ilícitas (praça Benedito Monteiro). Segundo os trabalhos de Gomes (2009, p. 1), o Guamá compõe uma zona “tratada como uma periferia urbana, até os dias de hoje, o bairro possui carência de infraestrutura básica. O bairro não tem praças, não tem espaço de sociabilidade, não tem urbanização”.

O Guamá distingue-se pelos extremos e pela intensidade dos acontecimentos que o marcam. Possui muitos títulos, como o bairro de maior quantidade populacional, tem uma reconhecida e grandiosa feira ao ar livre, elevados índices de ocorrências policiais, grande fluxo de pessoas e de mercadorias ribeirinhas, grande parte por causa da sua abertura para o rio, que inspirou seu nome.

No emaranhado e complexo sistema social presente no Guamá, há um intenso fluxo de atividades que enaltecem a identidade social do guamaense e criam uma rede de sociabilidade com base no local de sua residência. Isso se expressa nas inúmeras atividades folclóricas, culturais, artísticas e esportivas, as quais ocorrem no decorrer de todo o ano, mesmo que em locais improvisados.

[...] o bairro do Guamá em Belém do Pará [é] um universo cultural muito rico, um bairro de bastante movimento, com uma sementeira humana que desabrocha todos os dias nas ruas, nas feiras, nas escolas, indo e vindo para o trabalho, se articulando de diversas formas, participando de eventos lúdicos e festas religiosas. Enfim, um espaço específico da urbe, que guarda algumas características que lhe dão singularidade, determinando o nível de identificação de seus moradores com o espaço (DIAS JUNIOR, 2009, p. 38).

A imagem do bairro como perigoso faz com que, atualmente, ele vivencie um processo de combate à violência por meio de ações preventivas da Polícia Militar, projetos governamentais (Pro-Paz, Pronasci - colocar estas sigla por extenso etc.) e da abertura de procedimentos investigativos pela Polícia Civil por inúmeras situações, mas, em especial, pelo fato ocorrido no ano de 2014, conhecido como o ápice da violência, momento em que 9 (nove) ações com morte ocorreram em toda Belém, as quais foram desencadeadas pelo homicídio de um policial militar morador da região. Tal fato elevou o sentimento de insegurança em toda a cidade, tendo sido amplamente divulgado pelos meios de comunicação. Surgiu a hipótese da existência de um grupo denominado “milícia” na região, o qual teria sido responsável pelos homicídios, o que levou os deputados estaduais a instalarem uma comissão parlamentar de inquérito (CPI) na Assembleia Legislativa do Pará (Alepa) para apurar os fatos.

Nove pessoas foram assassinadas na noite desta terça-feira (4) em seis bairros de Belém, informou o secretário de Segurança Pública do Pará, Luiz Fernandes, em entrevista à imprensa nesta quarta-feira (5). Inicialmente, a Polícia Militar havia informado que havia sete mortos. Os crimes ocorreram após o cabo da Polícia Militar Antônio Marcos da Silva Figueiredo, 43 anos, ser assassinado a tiros perto da rua onde morava (O LIBERAL, 5 nov. 2014, p. 1).

Ao longo de sua história, o bairro sempre foi definido nos meios de comunicação como uma região segregada socialmente pelo restante da cidade, criando-se percepções depreciativas em relação à população residente. Entretanto, essa visão não se coaduna com a representação elaborada pelos próprios moradores, mesmo com o elevado registro de atividades ilícitas e o significativo aumento das execuções sumárias, as quais cresceram assustadoramente a partir de 2000 (WAISELFISZ, 2012).

Os bairros ditos mais violentos e mais estigmatizados da capital irão receber as ações do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci). “Território de Paz” é o nome do projeto que desembarca tanto no bairro do Guamá, quanto na Terra Firme (DIÁRIO DO PARÁ ONLINE, 19 out. 2009).

Por meio da análise dos dados obtidos por Dias Junior (2009), observa-se que o Guamá apresenta, apesar das agruras do descaso político, econômico e social, um turbilhão de manifestações culturais, as quais contribuem para o fortalecimento da identidade cultural da população local. As atividades cotidianas

do Guamá, acertadamente, refletem a presença de vínculos de sociabilidade coletiva, autoidentificação com o espaço e construção do sentimento de pertença, o que se perpetua em um cenário de extrema contradição, marcado, por um lado, pelo abandono do poder político e, por outro, pela forte identidade popular construída com base em atividades artísticas, culturais e em intensas manifestações religiosas e festivas.

Apesar de uma personalidade forte ligando muitos sujeitos ao Guamá, há, por outro lado, uma elaboração constante de representações sociais da violência, por conta do problema da situação em que vivem os moradores. Esse fato foi o que nos levou a escolher a representação social da violência, no bairro, como objeto da presente pesquisa. Assim, discorreremos sobre a elaboração das manifestações da violência e o sentimento de insegurança da população nessa região periférica, no intuito de melhor compreender a realidade em estudo.

1 DE QUAL VIOLÊNCIA ESTAMOS FALANDO?

Com o advento da sociedade moderna, surgiu a necessidade de serem formuladas teorias as mais distintas possíveis para tentar melhor compreender questões sobre o convívio em grupo e explicar as características dos eventos sociais. Com tais constructos teóricos, os pesquisadores passaram a elaborar estudos, ora aprofundando questões específicas de uma região, ora estudando problemas globais, tais como a violência e o sentimento de insegurança, os quais podem atingir um significativo número de pessoas, dependendo das características da região em que vivem.

[...] elevados à categoria de um dos mais dramáticos problemas sociais nacionais, os fatos da violência têm tido forte impacto no meio acadêmico. Para além de uma mera preocupação para com a fenomenologia da violência – algo talvez mais afinado com uma perspectiva que se poderia identificar como própria da tradição criminológica (ADORNO, 2002a, p. 268).

Compreender como a violência é percebida pelos moradores do Guamá foi importante para observar como se operacionaliza o mundo social, marcado pelo preconceito e pela exclusão. Não se tem a pretensão de esgotar as possibilidades de entendimento conceituais ou empíricas da violência; a intenção é tentar vislumbrar como ela estrutura as vivências num bairro periférico de Belém:

A noção de violência é, por princípio, ambígua; não existe uma única percepção do que seja violência. Ela se manifesta de diversas formas e por isso deve ser analisada a partir das normas, das condições e do contexto social que varia de um período histórico a outro (SOUSA, 2006, p. 3).

Essa perspectiva é também assumida pelos estudos de Misse (2007) e Zaluar (1999), que relatam a dificuldade de conceituar a violência como um construto único. O primeiro autor afirma:

Não é possível analisar a violência de uma única maneira, tomá-la como um fenômeno único. Sua própria pluralidade é a única indicação do politeísmo de valores, da polissemia do fato social investigado. O termo violência é uma maneira cômoda de reunir tudo o que se refere à luta, ao conflito, ao controle, ou seja, à parte sombria que sempre atormenta o corpo individual ou social. Assim, a violência pode, ainda, ser classificada como: conflitos sociais e políticos, repressão, terrorismo, guerras civis e tiranias (MISSE, 2007, p. 3).

Zaluar, por sua vez, esclarece:

A dificuldade na definição do que é violência e de que violência se fala é o termo ser polifônico desde a sua própria etimologia. Violência vem do latim *violentia*, que remete a *vis*(força, vigor, emprego de força física ou os recursos do corpo em exercer a sua força vital). Esta força torna-se violência quando ultrapassa um limite ou perturba acordos tácitos e regras que ordenam relações, adquirindo carga negativa ou maléfica. É, portanto, a percepção do limite e da perturbação (e do sofrimento que provoca) que vai caracterizar um ato como violento, percepção esta que varia cultural e historicamente (ZALUAR, 1999, p. 8).

Apesar da dificuldade de conceituação, a violência é uma prática diversificada e bastante presente em nosso convívio social. Estudos de Abramovay sobre juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina destacam as mais variadas formas de violência, as quais transcendem o modo físico, assumindo, assim, um caráter transversal:

Assim a violência tem sido concebida como um fenômeno multifacetado, que não somente atinge a integridade física, mas também as integridades psíquicas, emocionais e simbólicas de indivíduos ou grupos nas diversas esferas sociais, seja no espaço público, seja no espaço privado (ABRAMOVAY, 2002, p. 27).

Discorrer sobre os principais autores e teorias que abordam a violência em regiões de periferia é uma tarefa difícil, a qual leva a muitas vertentes analíticas, e esgotar os conteúdos desse campo do saber não é possível aqui. Diante de

tal dificuldade, assumimos como referência o conceito elaborado por Minayo e Souza (2003), por acreditar que é o mais adequado ao estudo. Para essas autoras, a definição do termo “violência” envolve aspectos qualitativos do contexto cultural, porque cada pessoa está inserida em um grupo que comunga a mesma realidade e o mesmo juízo de valores, com base nos quais elabora e manifesta seus pensamentos. Assim, a violência é um fenômeno presente em todas as classes sociais, devendo o pesquisador estar, portanto, atento às suas peculiaridades e aos seus modos de manifestação.

[...] cremos que não são apenas os problemas de natureza econômica, portanto a pobreza, que explicam a violência social, embora saibamos que elas são fruto, causa-efeito, elemento fundamental de uma violência maior que é o próprio modo organizativo-institucional-cultural de determinado povo. Ao escolher os que “são” e os que “não são”, a sociedade revela sua violência fundamental (MINAYO; SOUZA, 1998, p. 519-20).

Nessa perspectiva, podemos constatar que a violência invade todos os lugares, independentemente de classe social, idade, cor, sexo, escolaridade, entre outras possibilidades. Ao adentrarmos na ciranda da violência, temos de lidar com os sentimentos de perda, revolta e incompreensão desse fenômeno. Nesse aspecto, prevalece a existência inicial dos sentimentos de medo e insegurança; posteriormente, sobressaem desejos primitivos de autodefesa e vingança.

O sentimento de medo e insegurança diante do crime exacerbou-se entre os mais distintos grupos e classes sociais, como surgem não poucas sondagens de opinião pública. Trata-se de um problema social que, por um lado, promove ampla mobilização da opinião pública, o que se pode observar por meio das sondagens de opinião, da insistente atenção que lhe é conferida pela mídia impressa e eletrônica e pela multiplicação de fóruns locais, regionais e nacionais (ADORNHO, 2002a, p. 267).

Costa (1995) define a violência como uma ação destruidora que carrega o símbolo de um desejo. Esse desejo pode se manifestar de forma voluntária, conscientizada e optativa, ou de maneira involuntária, não conscientizada e irracional. Dessa forma, tornam-se comuns sentimentos agregados de insegurança e medo.

Segundo Silva (2004), embora a violência urbana seja uma característica geral da configuração social das cidades brasileiras que abrange, portanto, todo o seu território, é de certa forma consenso que ela afeta mais direta e profundamente as áreas desfavorecidas economicamente. Os trabalhos de Van Dijk (1998) indicam que, de modo geral, os crimes violentos contra a pessoa são

poverty driven (impulsionados pela pobreza) e diminuem com a redução da pobreza, enquanto os crimes contra a propriedade são em grande parte *opportunity driven* (impulsionados pela oportunidade) e aumentam com o decréscimo da pobreza.

Na verdade, a associação entre pobreza, violência e criminalidade já existe há algum tempo na história, pois decorre de uma das primeiras conseqüências do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas: expulsão do campo de milhares de pessoas sem trabalho, que migram para as cidades. Rapidamente, o modo de vida urbano passou a ser associado ao perigo, às epidemias, à promiscuidade, à agressão e a criminalidade (BUORO, 1999, p. 22).

Aliada a essa equivocada concepção, surge a teoria de que a desestruturação financeira (pobreza) é uma condição que favorece condutas tipificadas como atos delituosos. O irônico dessa colocação é o fato de que, teoricamente, esse tema já foi superado, entretanto, ainda hoje, faz-se recorrente a associação da violência às condições socioeconômicas de uma determinada classe.

[...] violência e desigualdade social. A tese que sustentava relações de causalidade entre pobreza, delinqüência e violência está hoje bastante contestada em inúmeros estudos. No entanto, não há como deixar de reconhecer relações entre a persistência, na sociedade brasileira, da concentração da riqueza, da concentração de precária qualidade de vida coletiva nos chamados bairros periféricos das grandes cidades e a explosão da violência fatal. Mapas da violência, realizados para algumas capitais brasileiras, na década passada, indicavam que as taxas de homicídios eram sempre e flagrantemente mais elevadas nessas áreas do que nos bairros que compõem o cinturão urbano melhor atendido por infraestrutura urbana, por oferta de postos de trabalho, por serviços de lazer e cultura (ADORNO, 2002b, p. 8).

Hoje podemos compreender a violência das mais variáveis formas possíveis, sabemos que ações delituosas transcendem grupos socioeconômicos de forma vertical. Entretanto, refletimos sobre a existência da predominância de certos tipos de crimes em determinado grupo ou classe social, bem como em determinados locais. Não existe uma ação mandatória de causa e efeito, uma “lei da física” imutável, mas é possível constatar o fato da predominância.

[...] a criminalidade organizada se disseminou pela sociedade alcançando atividades econômicas muito além dos tradicionais crimes contra o patrimônio, aumentando as taxas de homicídios, sobretudo entre adolescentes e jovens adultos, e desorganizando modos de vida social e padrões de sociabilidade inter e entre classes sociais. (ADORNO; SALLA, 2007, p. 10).

Destaca-se ainda o fato de, culturalmente, as representações sociais da violência se mostrarem similares em determinados grupos, mas distintas quando a variável se refere a classes sociais. Grupos de pessoas em situação de vulnerabilidade ou socialmente pertencentes a classes desfavorecidas percebem mais a violência e os sentimentos decorrentes dela, pois “o medo está associado com a permanente ameaça de violência física. Venha de onde e de quem vier, a violência constitui código normativo de comportamento” (ADORNO; SALLA, 2007, p. 16).

Nesse entendimento, a violência manifesta-se como um fenômeno social em constante crescimento, o qual está penetrando em todos os locais. Essa evidente expansão leva-nos a tratar esse fenômeno como complexo e contraditório. Daí a necessidade de atitudes para além da descrição que considere as causas e as consequências. É preciso evidenciar os mecanismos históricos, sociais, políticos e culturais que se combinam, formando aquilo que denominamos violência.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

A pesquisa desenvolveu-se em dois momentos: coleta e análise dos dados. No primeiro momento foi aplicado um questionário semiaberto à população do Guamá. Depois os dados receberam tratamento estatístico e, em seguida, dispostos em tabelas e gráficos.

Os dados obtidos permitem traçar o perfil socioeconômico da população, bem como compreender, de forma amostral (quantitativa), a representação social dos moradores acerca da violência nessa região: se é segura ou insegura e em quais situações prevalecem seus sentimentos em relação ao bairro. Por meio desse procedimento metodológico, também se buscou analisar um segundo quesito: como a população do Guamá convive com as situações de violência e o sentimento de insegurança em seu cotidiano, o que abrange a percepção dos moradores sobre a atividade policial na área. Para a coleta de dados, considerou-se um erro amostral de 10%.

O estudo utilizou dois instrumentos de coleta de dados. O primeiro foi um questionário fechado, aplicado aleatoriamente, na avenida central (feira pública), aos moradores do bairro, independentemente de sua situação de raça, crença religiosa, questões políticas, econômicas, aspectos de gênero (masculino/

feminino) ou opção sexual. Foram excluídas desta pesquisa crianças com idade igual ou inferior a 12 anos, ou pessoas com visíveis quadros de limitação física, dependência química ou doença mental. Foram aplicados questionários na população-alvo, respeitando-se a margem de erro amostral de 10%, considerando-se a população total do bairro (94.610 mil habitantes).

No segundo momento, foram feitas entrevistas semiestruturadas com 8 (oito) líderes comunitários do bairro, por acreditar-se que eles poderiam representar, qualitativamente, os conteúdos compartilhados nessa região sobre o fenômeno estudado. Os resultados passaram por um tratamento metodológico qualitativo de análise de conteúdo. A análise dos dados visou compreender o construto das representações sociais da violência com base em duas categorias – objetivações e ancoragem –, e as estratégias de enfrentamento de tal situação. Também foi analisado um segundo aspecto: se a população do Guamá, representada por líderes comunitários, identifica o bairro por meio de imagens positivas ou negativas.

3 RESULTADOS, ANÁLISE E DISCUSSÃO

3.1 DADOS QUANTITATIVOS

Após o tratamento estatístico, os dados coletados foram analisados em três níveis: o primeiro, buscando compreender o fenômeno estudado vinculado à temática da violência; o segundo, visando identificar padrões de comportamento diante dos atos considerados violentos; o terceiro, tentando examinar a valoração do bairro do Guamá e da atividade policial pelos moradores do bairro.

3.1.1 Primeiro nível de análise: identificação de elementos comuns na representação social da violência no bairro do Guamá e na cidade de Belém pelo público entrevistado

A maior parte dos moradores vincula a violência a agressões físicas e morais (30,90%). A violência é, em seguida, ligada à prática de roubos (24,37%) e a mortes (16,27%), conforme a Tabela 1.

Tabela 1 – Descrição do significado de violência de acordo com o gênero dos entrevistados (2015)

O que é violência	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Agressão física/moral	12,20	18,70	30,90
Roubo	4,88	19,49	24,37
Mortes	4,07	12,20	16,27
Droga	2,44	4,07	6,51
Maldade	4,07	-	4,07
Estupro	0,81	3,25	4,06
Agressão verbal	0,81	2,44	3,25
Outros	4,07	6,50	10,57
Total	33,35	66,65	100,00

Nota: A categoria com “-” não foi citada.

Verificou-se que 74,36% dos entrevistados consideram o Guamá um bairro violento (Tabela 2).

Tabela 2 – Opinião dos entrevistados (por gênero) sobre o bairro (2015)

Guamá é violento	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Sim	29,49	44,87	74,36
Não	7,69	17,95	25,64
Total	37,18	62,82	100,00

A maioria dos entrevistados considera o bairro violento em razão do número de ocorrências de roubo (50,69%) e de mortes (14,66%) (Tabela 3).

Tabela 3 – Motivos para que os entrevistados (por gênero) considerem o bairro violento (2015)

Motivo de ser violento	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Roubo	22,67	28,02	50,69
Mortes	1,33	13,33	14,66
Drogas	1,33	12,00	13,33
Falta de educação	4,00	1,33	5,33
Falta de policiamento	1,33	1,33	2,66
Outros	-	13,33	13,33
Total	30,66	69,34	100,00

Nota: A categoria com “-” não foi citada.

3.1.2 Segundo nível de análise: identificação de aspectos comportamentais, vinculados à representação social da violência no bairro do Guamá e na cidade de Belém

A situação que os moradores do Guamá consideram mais insegura é estar na rua (41,00%), seguida de sair à noite (20,00 %), conforme exposto na Tabela 4.

Tabela 4 – Situações que provocam insegurança e medo no cotidiano dos entrevistados (por gênero) (2015)

Situação de insegurança/medo	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Rua	21,00	20,00	41,00
Sair à noite	6,00	14,00	20,00
Outros	0,00	13,00	13,00
Geral	3,00	4,00	7,00
Ir ao banco	4,00	3,00	7,00
Ônibus/Farmácia	1,00	4,00	5,00
Rua/Praça	2,00	0,00	2,00
Ambiente desconhecido	1,00	1,00	2,00
Festas	1,00	1,00	2,00
Dia a dia	1,00	0,00	1,00
Total	40,00	60,00	100,00

O local mais seguro para os entrevistados é a residência/casa (55,%), seguido da igreja (16 %) (Tabela 5).

Tabela 5 – Local de maior segurança no cotidiano dos entrevistados (por gênero) (2015)

Local	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Residência/Casa	25,00	30,00	55,00
Igreja	4,00	12,00	16,00
Com familiares	6,00	2,00	8,00
Outros	1,00	7,00	8,00
Amigos	2,00	5,00	7,00
Com presença policial	2,00	1,00	3,00
Rua	-	2,00	2,00
Trabalho	-	1,00	1,00
Total	40,00	60,00	100,00

Nota: A categoria com “-” não foi citada.

43,00% fogem em situações de violência (Tabela 6).

Tabela 6 – Reação a situações de violência no cotidiano dos entrevistados (por gênero) (2015)

Reação	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Foge	22,00	21,00	43,00
Aciona a Polícia	11,00	11,00	22,00
Recorre a meios legais	0,00	9,00	9,00
Enfrenta com força física	1,00	7,00	8,00
Enfrenta com diálogo	1,00	7,00	8,00
Pede ajuda a parentes	3,00	2,00	5,00
Pede ajuda a amigos	1,00	2,00	3,00
Outros	1,00	1,00	2,00
Total	40,00	60,00	100,00

Constata-se que a maioria dos moradores deixa de fazer algo em consequência da violência (70,00%) (Tabela 7).

Tabela 7 – Efeito da violência no cotidiano dos entrevistados (por gênero) (2015)

Deixa de fazer algo	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Sim	21,00	49,00	70,00
Não	19,00	11,00	30,00
Total	40,00	60,00	100,00

Por causa da violência, 50% dos entrevistados deixam de sair de casa e 38,57%, de ir a locais para lazer (Tabela 8).

Tabela 8 – Atividades que os entrevistados (por gênero) deixam de fazer devido à violência (2015)

O que deixa de fazer	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Sair de casa	17,14	32,86	50,00
Lazer	11,43	27,14	38,57
Usar bens de valor	1,43	7,14	8,57
Outros	-	2,86	2,86
Total	30,00	70,00	100,00

Nota: A categoria com “-” não foi citada.

Para 65% dos entrevistados, a violência é normal atualmente (Tabela 9).

Tabela 9 – Opinião dos entrevistados (por gênero) sobre a violência atual (2015)

Violência é normal	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Sim	22,00	43,00	65,00
Não	18,00	17,00	35,00
Total	40,00	60,00	100,00

3.1.3 Terceiro nível de análise: identificação de aspectos de valoração do bairro do Guamá e da atividade policial

É evidente a identificação dos moradores entrevistados com o bairro: 96% afirmam gostar de morar no Guamá (Tabela 10).

Tabela 10 – Opinião dos entrevistados (por gênero) sobre o bairro (2015)

Identificam-se com o bairro	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Sim	40,00	56,00	96,00
Não	-	4,00	4,00
Total	40,00	60,00	100,00

Nota: A categoria com “-” não foi citada.

Os resultados das entrevistas mostram que 82% dos moradores do bairro do Guamá não têm vontade de morar em outro bairro (Tabela 11).

Tabela 11 – Opinião dos entrevistados (por gênero) sobre a possibilidade de mudança para outro bairro (2015)

Vontade de morar em outro bairro	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Não	33,00	49,00	82,00
Sim	7,00	11,00	18,00
Total	40,00	60,00	100,00

A maioria dos moradores do Guamá tem orgulho de morar no bairro (54%). Menos da metade não expressa nenhum sentimento (33%) (Tabela 12).

Tabela 12 – Sentimento dos entrevistados (por gênero) sobre morar no bairro (2015)

Sentimento	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Orgulhoso	19,00	35,00	54,00
Nenhum	16,00	17,00	33,00
Outros	4,00	3,00	7,00
Vergonha	1,00	5,00	6,00
Total	40,00	60,00	100,00

Para 39% dos moradores do Guamá, a polícia é necessária, mas, para 28% dos entrevistados, a polícia é corrupta e, para 18%, violenta (Tabela 13).

Tabela 13 – Percentual dos entrevistados (por gênero) e percepção da polícia (2015)

Percepção da polícia	Gênero		Total
	Feminino	Masculino	
Necessária	15,00	24,00	39,00
Corrupta	11,00	17,00	28,00
Violenta	10,00	8,00	18,00
Justa	2,00	4,00	6,00
Outros	1,00	5,00	6,00
Desnecessária	1,00	2,00	3,00
Total	40,00	60,00	100,00

3.1.4 Avaliação dos dados quantitativos

Os dados coletados foram agrupados em três níveis, para melhor compreensão do fenômeno estudado. No primeiro nível, buscou-se identificar elementos comuns na representação social da violência no bairro do Guamá e na cidade de Belém pelo público entrevistado. Foi evidenciado que a maior parte dos moradores do Guamá vincula a violência a agressões físicas e morais (30,90%) e um percentual menor, a práticas de roubo (24,37%) e a mortes (16,27%), conforme a Tabela 1. Do total de entrevistados, 74,36% consideram o Guamá um bairro violento (Tabela 2). Os motivos são o número de ocorrências de roubo (50,69%) e de mortes (14,66%) (Tabela 3).

No segundo nível, buscou-se verificar quais situações do cotidiano provocam insegurança nos moradores do Guamá e quais as condutas de enfrentamento escolhidas, vinculadas à representação social da violência. A situação que os moradores do Guamá consideram mais insegura é estar na rua (41,00%), seguida de sair à noite (20,00%) (Tabela 4); o local mais seguro para eles é a residência/casa (55,00%), seguido da igreja (16,00%) (Tabela 5). De acordo com os resultados das entrevistas, 43,00% dos moradores do Guamá fogem em situações de violência (Tabela 6). A maioria dos moradores deixa de fazer algo em consequência da violência (70,00%) (Tabela 7); desse público específico, 50,00% deixam de sair de casa e 38,57%, de ir a locais para lazer devido à violência (Tabela 8). Também assumiu destaque o fato de 65,00% da população acreditar que a violência é normal atualmente (Tabela 9).

O terceiro nível busca identificar aspectos de valoração do bairro do Guamá e da atividade policial. Da população do Guamá, 96,00% dos moradores identificam-se com o bairro e gostam de morar no Guamá (Tabela 10); 82,00% não têm vontade de morar em outro bairro (Tabela 11) e 54,00% têm orgulho de morar no Guamá, embora alguns não expressem nenhum sentimento sobre o bairro (33,00%) (Tabela 12). No que diz respeito à imagem da atuação policial, 39,00% consideram a polícia necessária, mas 28,00% consideram-na corrupta e 18,00%, violenta (Tabela 13).

3.2 DADOS QUALITATIVOS

No intuito de analisar as representações sociais da violência e os sentimentos de insegurança que a violência provoca nos moradores do bairro do Guamá, região periférica da cidade de Belém, foram entrevistados 8 (oito) líderes comunitários. Foi elaborado um roteiro de entrevista contendo duas categorias que compõem o universo das representações sociais. A primeira categoria, denominada “ancoragem”, abrange 4 (quatro) níveis de perguntas sobre a violência e os problemas existentes no bairro. A segunda categoria, “objetivação”, tem como foco a elaboração da imagem do fenômeno da violência e a valoração do bairro do Guamá.

Para permitir uma rápida e melhor compreensão dos dados obtidos, construiu-se, de forma didática, uma sistematização (Figura 1) das associações de ideias e representações da violência presentes nos discursos dos líderes comunitários.

Figura 1 – Quadro descritivo das representações sociais da violência e da região no discurso dos líderes comunitários do bairro do Guamá (2015)

<i>Incoragem</i>		<i>Objetivação</i>		
<i>O que é violência?</i>	<i>Qual a explicação?</i>	<i>Como você a percebe?</i>	<i>Qual a imagem relacionada à violência?</i>	<i>Qual sua concepção do Guamá?</i>
Roubo, tiro.	Desestrutura familiar.	Drogas, armas e trânsito.	"Pessoas sendo atiradas, roubadas, atropeladas."	Negativa.
Contato físico e verbal.	Ato de criminalidade.	Agressões físicas e verbais.	"Agressão física, verbal ou até mesmo covardemente com armas letais."	Positiva, pela infraestrutura e facilidades.
Insegurança em âmbito geral.	Falta de humanização.	Pela TV, na rua e no trabalho.	"Pessoas agredidas de forma física, verbal e morte."	Positiva, pelas facilidades e negativa pela falta de policiamento.
É ferir a moral, discriminar por palavras, gestos e fisicamente.	De origem espiritual. Não tem jeito.	Pela TV, nas redes sociais. Desnecessária.	"Guerras, confronto da polícia com bandido, confronto armado."	Positiva, apesar das diversidades.
Morte.	Devido a meios de comunicação.	Nas ruas e vendo TV.	"Morte, muito sangue, uma pessoa com arma roubando."	Negativa, pela violência.
Agressão verbal, física e psicológica.	Falta de paciência e meio de se expressar.	Presentes em todos os tempos.	"Gente esquarterada, corpos desovados, sangue."	Positiva, pela solidariedade.
Ilegalidade.	Ato ilegal, arbitrário.	Desnecessária.	"Um menor com arma na mão."	Positiva, devido infraestrutura, facilidades. Negativa, violência, drogas.
Cerceamento de direitos. Insegurança.	Falta de educação. Familiar.	Em todas as partes.	"A perda da vida."	Positiva, pela infraestrutura.

3.2.1 Compreensão dos dados qualitativos

Neste segundo momento, o termo “violência” é associado a características específicas que remetem a aspectos físicos e abstratos. A violência é caracterizada como “quando há contato físico ou verbal”, “ato de agressão verbal, física e psicológica”. Os entrevistados estão divididos em relação à concepção de violência: metade fez relatos baseados em ideologias ancoradas em aspectos físicos, enquanto a outra metade destacou características abstratas, referentes a questões éticas, morais e psicológicas.

As representações sociais do fenômeno da violência e da forma de compreendê-la podem estar ligadas diretamente aos aspectos socioculturais de uma região. No Guamá, fica claro que o conceito de violência está associado a condutas que atingem diretamente os moradores. “Violência é a parcial ou total falta de segurança, sendo ela no âmbito social, como ruas, escolas, bairro, cidades etc. No âmbito familiar e no âmbito psicológico, ou seja, a violência pode ocorrer em diversos lugares ou situações” (liderança comunitária do bairro do Guamá, 2015).

Ancoragem implica a justificação de um fenômeno que é socialmente construído no corpo de um contexto social. A forma de justificar o fenômeno fundamenta-se em uma ideologia presente, mesmo que não reconhecida. No contexto desta pesquisa, verificou-se que o construto violência está vinculado a várias questões: “Ela vem de várias formas. É ferir a moral de alguém, discriminar socialmente, por meio de palavras, gestos, agressões físicas e morte”, diz um entrevistado.

Assume destaque, nesta pesquisa, o fato de os entrevistados justificarem a existência do fenômeno social da violência citando inúmeros fatores: a desestruturação familiar (“muitas famílias desestruturadas, os filhos tomam conta de suas vidas”, “a violência se dá pela falta de uma educação familiar, hoje percebemos que a lei está tirando as atribuições de pais, dentre ele, a de corrigi-lo”); um ato antijurídico (“onde o criminoso deve ser punido severamente, seja qual for o crime”); a ausência de uma concepção filosófica humanista (“a falta de humanização das pessoas”); uma visão religiosa cristã (“ela vem desde o início das gerações, desde o homicídio de Caim que matou Abel, não tem jeito, é uma coisa de origem espiritual, ela vem do mal”). Há ainda aqueles que se referem a um discurso técnico, político: “devido os meios de comunicação divulgarem em exagero, e os políticos embolsam, roubam tudo”.

Desvendar o universo da elaboração das representações sociais em um contexto específico, como, no caso, em uma região de periferia, implica levar em conta um objetivo compartilhado socialmente. Assim, podemos evidenciar que a representação social da violência no Guamá é resultado de ideologias que interagem, de fenômenos que os moradores vivenciam em seu espaço diário: “Quando estou nas ruas e vendo televisão”. Têm relevância ações em que os moradores, em geral, são potencialmente atingidos, e são negligenciados aspectos que, inicialmente, julgaríamos de extrema relevância: “A violência está na esquina da minha rua, em frente do meu conjunto, nas praças, enfim, ela se faz presente em todas as partes, desde a fila de um banco até o trajeto no ônibus para minha residência”.

O bairro do Guamá apresenta, segundo os entrevistados, inúmeros problemas, destacando-se questões de saúde, segurança e lazer: “diversos são os problemas existentes no bairro, alguns deles são: falta de segurança, falta de saneamento básico, falta de projetos culturais etc.”. Também se destacaram outros problemas não diretamente ligados à segurança pública: “[falta de] local público para prática de esporte”; “falta de saúde, cultura, área de esporte e lazer”; “falta de água, macrodrenagem, lixeira e iluminação pública”; “problemas de saúde, escola e segurança em terceiro lugar”. Apenas dois entrevistados citaram questões relativas à criminalidade: “assalto e tráfico de drogas”. Apenas um líder comunitário mencionou a morte: “assaltos constantes, tráfico de drogas e homicídios”.

A segunda categoria estudada no universo das representações sociais trata da objetivação, a qual visa à elaboração da imagem do fenômeno violência por moradores do bairro do Guamá. Essa elaboração cognitiva pode confirmar a forma de entendimento desse construto social que atinge esses moradores. Assim, também se buscou compreender como os moradores do Guamá, representados por líderes comunitários, elaboram uma imagem da região, negativa ou positiva, mesmo com os problemas existentes.

Analisando as imagens objetivadas do fenômeno da violência, constatamos que as imagens construídas referem-se a atos de extrema violência física e mortes: “pessoas sendo atiradas, roubadas, atropeladas”; “de uma pessoa sendo agredida por outras. Seja ela fisicamente ou verbalmente, até mesmo covardemente com armas letais”; “é muito difícil explicar o que é a violência, porém a primeira imagem que me vem à mente são pessoas sendo agredidas de forma física, verbal

e morte. A morte e violência são sinônimos”; “guerras, confronto da polícia com bandido, confronto armado”; “morte, muito sangue, uma pessoa com arma roubando”; “só vêm coisas podres. Gente esquartejada, corpos desovados, sangue”; “um menor com arma na mão”; “a perda da vida. Nos meus filhos saindo para o trabalho, para estudar e não lhe são dado todas as garantias de retorno a minha casa são e salvos”.

Podemos afirmar que, quando os participantes elaboram imagens sobre certos aspectos da violência, tendem a destacar atos físicos e questões pertinentes à morte, a sangue. Atos de roubo tornam-se pano de fundo, inversamente às questões evidenciadas anteriormente. Confirma-se a ideia de que o discurso racional ideológico é marcado por freios inibitórios, enquanto a elaboração lúdica de imagens mentais pode receber uma influência maior das imagens oriundas dos meios de divulgação de atos de violência. Assumem destaque, aqui, os meios televisivos, que divulgam imagens sobre esse fenômeno. Essas imagens podem estar sendo reproduzidas com mais fidelidade que os discursos sobre os fatos.

Sobre a imagem positiva ou negativa do bairro, as respostas dos líderes comunitários foram bastante diversificadas. A maioria, porém – 6 (seis) de 8 (oito) entrevistados –, tem uma imagem positiva do Guamá; apenas 2 (dois) expressaram uma imagem negativa. Os motivos para tal também foram similares: “por falta de espaço cultural e de esporte no Guamá e falta de policiamento é negativo”; “imagem negativa, assalto e violência”. Os aspectos positivos estão ligados à ajuda entre os moradores – “é o único bairro em que as pessoas se ajudam” – e à facilidade de acesso a escola, feira, entre outras comodidades: “apesar de ser subúrbio e das adversidades, eu considero o Guamá um bairro bom. Aspectos positivos são eles: UFPA, Sistema de Apoio a Comunicação Integrada (SACI); portos; temos a feira e o mercado municipal, ambos com uma diversidade enorme em alimentos”.

CONCLUSÃO

Em geral, a população do Guamá associa a violência a atos físicos (Tabela 1), tomando por base suas experiências diárias de vida. A maior parte dos moradores do bairro já presenciou algum ato de violência vinculado à prática de roubo ou já foi vítima dele. O Guamá, nesse contexto, é percebido, por parte de seus moradores, como um local violento (Tabela 2), em razão do número de

ocorrências de roubo (50,69%) e de mortes (14,66%) (Tabela 3). Esses fatos afetam alguns costumes dos moradores do bairro, que se sentem inseguros em locais públicos (Tabela 4); poucos manifestam um sentimento de segurança na presença de policiais (Tabela 5) e têm uma representação social negativa da atividade policial.

No que se refere às imagens da violência, os moradores atingem outra dimensão do fenômeno, saindo do discurso ancorado na prática de roubo para imagens objetivadas de atos vinculados à “perda de vida”; “pessoas sendo agredidas, atiradas”, “morte, muito sangue, pessoa com arma”, “guerra, confronto entre polícia e bandido”.

A pesquisa revela dados contraditórios, que necessitam de novos estudos para sua melhor compreensão, pois, apesar de todos os fatos acima descritos, a população estudada, em quase sua totalidade, não tem desejo de morar em outro bairro (Tabela 11), ostentando um sentimento de orgulho por morar no Guamá (Tabela 12) e tendo, ainda, uma imagem positiva da área.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M. *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas**. Brasília: UNESCO; BID, 2002.

ADORNO, S. Monopólio estatal da violência na sociedade brasileira contemporânea. *In: MICELI, S. (Org).* **O que ler na Ciência Social brasileira (1970-2002)**. São Paulo: Sumaré/Anpocs, 2002a, v. 4. p. 267-307.

ADORNO, S. Crime e violência na sociedade brasileira contemporânea. **Jornal de Psicologia-PSI**, n. 1, p. 7-8, abr./jun. 2002b.

ADORNO, S.; SALLA, F. Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 21, n. 61, p. 7-29, set./dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142007000300002. Acesso em: 12 abr. 2014.

BELÉM está entre as 10 cidades mais violentas do mundo. **Diário do Pará On-line**, Belém, 8 mar. 2018. Disponível em: <http://m.diarionline.com.br/noticias/para/noticia-492071-belem-esta-entre-as-10-cidades-mais-violentas-do-mundo.html>. Acesso em: 5 abr. 2018.

BOURDIEU, P. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 2011.

BUORO, A. *et al.* (Coord.). **Violência urbana: dilemas e desafios**. São Paulo. Atual, 1999.

CHAGAS, C. A. N. Geografia, segurança pública e a cartografia dos homicídios na região metropolitana de Belém. **Boletim Amazônico de Geografia**, Belém, v. 1, n. 1, p. 186-204, jan./jun. 2014.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

DA MATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DIÁRIO DO PARÁ ON-LINE. Belém, 19 out. 2009. Disponível em: <http://diariodopara.diarioonline.com.br>. Acesso em: 16 mar. 2015.

DIAS JUNIOR, J. do E. S. **Cultura popular no Guamá: um estudo sobre o boi bumbá e outras práticas culturais em um bairro da periferia de Belém**. 2009. 161 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

GOMES, A. W. S. **Guamá e os movimentos de luta social: a comunidade do bairro do Guamá, Resistência Guamazônica**. Trabalho apresentado ao Fórum Social Mundial, Belém, 2009. Disponível em: <http://www.istoeamazonia.com.br>. Acesso em: 25 mar. 2015.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: aglomerados subnormais: primeiros resultados**. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/população/censo2010/aglomerados_subnormais/default_aglomerados_subnormais.shtm. Acesso em: 12 mar. 2014.

MINAYO, M. C. de S.; SOUZA, E. R. de: 'Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva'. **História, Ciências, Saúde— Manguinhos**, v. IV, n. 3, p. 513-531, nov./fev. 1998.

MINAYO, M. C. de S.; SOUZA, E. R. de (Orgs.). **Missão investigar: entre o ideal e a realidade de ser policial**. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MISSE, M. **Violência: o que foi que aconteceu?** 2007. Disponível em: <http://www.necvu.ifcs.ufrj.br/arquivos.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2015.

O LIBERAL. G1 Pará, Belém, 5 nov. 2014, p. 1. Disponível em: <http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014>. Acesso em: 16 mar. 2015.

PALHANO, E. G. da S.; SILVA, A. G.; PASSOS, P. Entre ribeirinhos, trabalhadores braçais e comerciantes: o portal da Amazônia e o trapiche do Porto da Palha da orla de Belém. *In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS*, 33., 2009, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: 2009. Disponível em: [file:///C:/Users/Mgaleal/Downloads/EleanorPalhano_Entre%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Mgaleal/Downloads/EleanorPalhano_Entre%20(1).pdf). Acesso em: 12 mar. 2015.

PARÁ. Secretaria de Estado de Segurança Pública e Defesa Social. Belém, 2013.

SILVA, L. A. M. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004.

SOUSA, M. das D. de. Juventude e violência: algumas reflexões sobre as formas de violência na escola. *In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA UFPI*, 4., 2006, Teresina. **Anais** [...]. Teresina: EDUFPI, 2006, v. 1. p. 103-115.

VAN DIJK, J. J. M. Determinants of crime. *In: KANGASPUNTA, K.; JOUTSEN, M.; OLLUS, N. (Ed.). Crime and criminal justice in Europe and North America 1990-1994*. Helsinki: European Institute for Crime Prevention and Control (HEUNI), 1998. p. 32-53.

WACQUANT, L. A militarização da marginalidade urbana: lições da metrópole brasileira. **Discursos Sediciosos – Crime, direito e sociedade**, Rio de Janeiro, n. 15-16, p. 203-220, 2007.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2012: homicídio de mulheres no Brasil**. Rio de Janeiro: CEBELA/FLACSO, 2012.

WIEVIORKA, M. Violência hoje. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 11, supl., p. 1147-1153, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232006000500002&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 2 mar. 2015.

ZALUAR, A. Um debate disperso: violência e crime no Brasil da redemocratização. **São Paulo em Perspectiva**, v. 13, n. 3, p. 3-17, jul./set. 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000300002. Acesso em: 12 maio 2015.

Texto submetido à Revista em 11.02.2017

Aceito para publicação em 12.06.2018